

MARINA MARIANA MOISÉS

11421ECO018

UMA ANÁLISE SOBRE O PADRÃO DE COMÉRCIO BILATERAL BRASIL –
ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2010 A 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

2024

MARINA MARIANA MOISÉS

11421ECO018

UMA ANÁLISE SOBRE O PADRÃO DE COMÉRCIO BILATERAL BRASIL –
ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2010 A 2023

Artigo apresentado ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Michele Polline Veríssimo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS – IERI
MARINA MARIANA MOISÉS
11421ECO018

UMA ANÁLISE SOBRE O PADRÃO DE COMÉRCIO BILATERAL BRASIL –
ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2010 A 2023

Artigo apresentado ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Ciências Econômicas.

BANCA EXAMINADORA:

Uberlândia, 11 de abril de 2024.

Profa. Dra. Michele Polline Veríssimo

Prof. Dr. Daniel Caixeta Andrade

Prof. Dra. Thaís Guimarães Alves

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dez Principais Produtos Exportados e Importados pelo Brasil em 2010.....	22
Tabela 2: Dez Principais Produtos Exportados e Importados pelo Brasil em 2023.....	23
Tabela 3: Dez Principais Produtos Exportados e Importados Brasil-Estados Unidos em 2010..	25
Tabela 4: Dez Principais Produtos Exportados e Importados Brasil-Estados Unidos em 2023..	26
Tabela 5: Comércio Setorial Brasil-Estados Unidos em 2010.....	28
Tabela 6: Comércio Setorial Brasil-Estados Unidos em 2023.....	30
Tabela 7: Resumo dos saldos comerciais por intensidade tecnológica.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Comércio Internacional Total Brasileiro, 2010 a 2023.....	15
Gráfico 2: Comércio Internacional Brasil-Estados Unidos, 2010 a 2023.....	16
Gráfico 3: Principais Destinos das Exportações Brasileiras, 2010 a 2023.....	17
Gráfico 4: Principais Origens das Importações Brasileiras, 2010 a 2023.....	18

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Revisão da Literatura sobre as Relações Comerciais entre Brasil e Estados Unidos.	9
3. Descrição da Pauta de Comércio Bilateral Brasil-Estados Unidos no Período 2010-2023	14
4. Descrição da Pauta de Comércio Bilateral Brasil-Estados Unidos por Setores e Intensidade Tecnológica.....	27
5. Considerações finais.....	32
6. Referências	34

UMA ANÁLISE SOBRE O PADRÃO DE COMÉRCIO BILATERAL BRASIL – ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO 2010 A 2023

Resumo: Este artigo analisa as relações comerciais bilaterais entre Brasil e Estados Unidos no período 2010 a 2023, suas características específicas e evolução ao longo dos anos, considerando a influência do crescimento da China como parceiro econômico brasileiro nesse cenário de comércio internacional. Para isso, utiliza dados do comércio internacional total brasileiro, os principais destinos de suas exportações e as principais origens de suas importações, e analisa a composição do comércio bilateral por meio do comportamento do *market-share* dos principais produtos do comércio bilateral com os Estados Unidos, e a pauta comercial intrassetorial em termos de intensidade tecnológica. Os resultados apontam para uma perda de importância dos Estados Unidos como parceiro comercial ao longo do período estudado, reforçando um maior direcionamento da pauta brasileira para as *commodities* e a demanda chinesa pelos produtos primários. Os Estados Unidos ainda apresentam uma importância estratégica como parceiro comercial brasileiro, havendo ainda oportunidades a serem exploradas, sendo fundamental que o Brasil busque ampliar sua presença em diferentes mercados.

Palavras-chave: Brasil; Estados Unidos; Comércio Internacional; Balança Comercial.

Abstract: This paper analyzes bilateral trade relations between Brazil and the United States from 2010 to 2023, its specific characteristics and evolution over the years, as well as the influence of China's growth as a Brazilian economic partner in this scenario. To do this, it uses data of Brazil's total international trade, the main destinations of its exports and the main origins of its imports, also analyzes the composition of bilateral trade through the market-share behavior of the main products in bilateral trade with the States States, and the intrasectoral trade agenda in terms of technological intensity. The results point to a loss of relevance of the United States as a trading partner throughout the period, reinforcing a bigger focus of the Brazilian agenda towards commodities and Chinese demand for primary products. The United States still has a strategic importance as a Brazilian commercial partner, and there are still opportunities to be explored, and it is essential that Brazil seeks to expand its presence in different markets.

Keywords: Brazil; United States; International Trade; Trade Balance.

1. Introdução

Desempenhando papéis centrais em suas vizinhanças regionais, Estados Unidos e Brasil são consideradas as duas maiores economias do continente americano, compartilhando, ao longo dos anos, relações políticas, econômicas e comerciais fortes. Os Estados Unidos figuraram como o maior mercado consumidor dos produtos exportados pelo Brasil até o início do século XXI, sendo um grande demandante dos produtos primários e manufaturados brasileiros. No entanto, tais relações passaram por oscilações nas últimas décadas, com os Estados Unidos perdendo participação na pauta comercial brasileira diante do crescimento da importância do mercado chinês para o Brasil desde 2009.

Cabe destacar que, ao longo do mandato de Donald Trump nos Estados Unidos (2017 a 2021), os efeitos da China sobre a competitividade e geração de empregos na indústria estadunidense, além das medidas protecionistas que vinham sendo adotadas pelo governo, ganharam espaço na discussão política. A guerra comercial, que têm sido tema importante entre os dois países, traz à tona também discussões sobre oportunidades para outros parceiros comerciais, como o Brasil, o que, por sua vez, levanta o debate sobre as reais possibilidades que tal alinhamento comercial pode trazer para a economia brasileira. Assim, a rivalidade entre a China e os Estados Unidos estabelece um importante dilema no âmbito da política externa brasileira, com questionamentos de qual seria a melhor estratégia para inserção internacional do Brasil (KALOUT; COSTA, 2022).

Outra característica importante a ser mencionada é a marcante assimetria das relações entre Brasil e Estados Unidos nos âmbitos político e econômico. Estes países se encontram em posições bastante distanciadas. Ainda que os países desfrutem de uma relação consolidada e consideravelmente harmoniosa e o Brasil apareça entre as maiores economias, população e território, o país não pode ser comparado em termos da magnitude do poderio político e peso econômico que o parceiro norte-americano possui.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo principal entender a orientação das relações comerciais bilaterais entre Brasil e Estados Unidos e seu dinamismo no período de 2010 a 2023, em que a China passou a ter o protagonismo no comércio com o Brasil. Este artigo aborda, portanto, toda a década de 2010 até os períodos mais recentes para entender o comportamento dessas relações bilaterais no contexto da Guerra Comercial entre Estados Unidos e China. A hipótese levantada é de que a política de proteção comercial dos Estados Unidos, somada ao aumento da participação da China na “corrente de comércio” do Brasil, são fatores relevantes

para a explicação das variações nos fluxos comerciais entre os dois países analisados. Além disso, pressupõe-se que a perda de relevância do comércio com os Estados Unidos é reflexo do processo de reprimarização da estrutura produtiva-exportadora brasileira no período, sendo também influenciada pela crise do *subprime*, que iniciou um processo de deterioração da hegemonia norte-americana.

Visando entender os aspectos quantitativos e qualitativos das pautas exportadoras e importadoras entre Brasil e Estados Unidos ao longo do período 2010-2023, são coletadas informações do comércio internacional entre os dois parceiros por meio do banco de dados da Secretaria do Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (SECEX-MDIC). Os dados são utilizados para mensurar a importância quantitativa do comércio brasileiro com o parceiro estadunidense e para analisar a composição do comércio bilateral por meio do comportamento do *market-share* dos principais produtos e setores do comércio bilateral.

Entende-se que tal estudo é essencial para a compreensão das transformações nos padrões de comércio internacional brasileiro como um todo, principalmente no que se refere à orientação do perfil comercial para produtos primários, de baixo valor agregado, observado nas últimas décadas. Neste sentido, a análise da evolução dos fluxos comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos pode contribuir para a formulação de políticas que restabeleçam e reforcem a integração de tais economias, e para compreender os entraves e as oportunidades para que o Brasil possa ampliar o fluxo de comércio com o parceiro. Isso pode permitir avaliar impactos em setores-chave e identificar oportunidades de crescimento, o que traz subsídio para decisões estratégicas com foco no desenvolvimento brasileiro no contexto de comércio internacional.

Para além dessa introdução, o artigo está organizado em mais quatro seções. A segunda seção explora a revisão da literatura do padrão de comércio bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos. A terceira seção descreve a pauta exportadora e importadora do Brasil em relação aos Estados Unidos no período de 2010 a 2023, buscando entender a relevância e a qualidade do comércio bilateral. A quarta seção analisa a pauta comercial intrassetorial em termos de intensidade tecnológica. Por último, apresenta-se as considerações finais.

2. Revisão da Literatura sobre as Relações Comerciais entre Brasil e Estados Unidos

Durante a transição do final do século XX para o início do século XXI, ocorreram significativas mudanças na economia global, caracterizadas pela perda de dinamismo por parte

dos países centrais. Concomitantemente, observou-se uma reorganização nos centros de desenvolvimento mundial, destacando a crescente importância de nações como Índia, Rússia, África do Sul, China e Brasil no cenário econômico internacional. Em vista disso, parceiros mais tradicionais no comércio internacional brasileiro, como os Estados Unidos, tiveram uma perda de relevância como destino das exportações e fonte de importações. Essa mudança é coincidente com a diminuição da participação de produtos manufaturados em favor dos produtos básicos, indicando uma transformação estrutural no padrão de especialização comercial a partir dos anos 2000.

Essa mudança no perfil comercial não pode ser vista como algo isolado do ponto de vista de comércio bilateral com os Estados Unidos, mas sim como um processo de mudança estrutural da inserção externa brasileira no comércio mundial. No entanto, Lima (2019) aponta que, apesar da diminuição da importância relativa das exportações dos Estados Unidos para o Brasil, as importações do Brasil para os Estados Unidos ainda se mostram muito importantes. Nesse sentido, é essencial que a política externa brasileira compreenda a dinâmica de possíveis mercados importantes para os produtos brasileiros, mantendo também a relação com os mercados mais tradicionais, como os países europeus e o norte-americano. Isso se torna fundamental quando o comércio é analisado sob a perspectiva das cadeias globais de valor, onde a estratégia adotada pelas empresas é fragmentar cada vez mais seus processos de produção, alocando as atividades produtivas em diferentes países e regiões, o que recria a divisão internacional do trabalho na economia mundial (LIMA, 2019).

Cabe destacar que, a partir de 1979, a emergência de uma indústria mais desenvolvida e globalizada contribuiu para uma mudança qualitativa nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, levando-as na direção de um padrão de comércio intraindustrial, que pode ser explicado, teoricamente, pela existência de economias internas e externas, diferenciação do produto e inovação, semelhança do mercado interno e em níveis de renda. Assim, naquele período, a maior parte do comércio entre os dois países era marcada por trocas de produtos industriais intermediários, com o comércio bilateral fundamentado por meio de uma forte complementaridade. No pós-anos 2000, apesar de uma reversão dos termos de troca em favor dos bens primários, o avanço da integração da economia global, alimentada por fluxos mais intensos de investimento direto estrangeiro, alterou as estratégias das empresas, de modo que o comércio intrafirma e as trocas de componentes de produtos mais sofisticados ganharam uma relevância maior (MOREIRA; PAULA, 2010).

Segundo Oliveira (2020), a crise de 2008 pode ser considerada um divisor de águas em relação à importância relativa dos Estados Unidos nas exportações brasileiras. Anteriormente à crise podia-se notar uma trajetória de queda de valor agregado americano nas exportações do Brasil, a partir da qual a importância dos intermediários americanos apresentaram uma tendência de crescimento no ano de 2009, chegando a 20,2% de valor agregado nas exportações do Brasil em 2015. O autor defende que os Estados Unidos foram, nesse período, mais importantes para a participação do Brasil nas cadeias globais de valor do que o inverso, sendo o segundo mais dependente do valor adicionado advindo do primeiro para se estabelecer nesse cenário. Embora a relação comercial apresente benefícios para o Brasil, é preciso uma abordagem mais estratégica, visando expandir não somente setores em que já possuem vantagens comparativas históricas, mas também aqueles mais tecnológicos em que ambos já demonstravam certos ganhos de participação nas cadeias globais de valor.

Observando o contexto histórico brasileiro, segundo Pedrozo e Silva (2016), as políticas de liberalização comercial e financeira, somadas ao processo de privatização como medida de ajuste fiscal e desoneração do Estado, sem o amparo de uma política industrial de caráter amplo, resultaram na desnacionalização de setores já instalados no parque industrial brasileiro. Isso contribuiu para uma crescente vulnerabilidade externa em setores estratégicos, somada a um aumento nas taxas de desemprego. Assim, a partir da década de 2000, a pauta de exportações brasileiras se voltou para a especialização no agronegócio e no extrativismo, cenário para o qual a ascensão da economia chinesa contribuiu fortemente, com sua crescente necessidade de matérias-primas para suprir tanto suas exportações quanto o mercado interno.

Ainda, segundo Lima e Veríssimo (2022), com a reprimarização da economia, a pauta de exportações brasileiras se tornou cada vez mais dependente de bens primários, e a China, como uma grande demandante de *commodities* e fornecedora de bens industrializados, acabou assumindo a posição de principal parceiro comercial do país a partir de 2009. Essa tese se confirma quando se observa a modificação da pauta exportadora no período entre 2000 e 2020, com a presença de produtos de caráter primário e produtos como soja, minério de ferro e óleos brutos de petróleo ganhando cada vez mais destaque. Vale ressaltar que estes foram, por sua vez, os produtos brasileiros mais comprados pela China.

Com significativa parte da produção nacional dependente de um único parceiro como a China, que possui conexões globais diversificadas e maiores vantagens comparativas em sua produção, o Brasil pode se deparar com um cenário cada vez maior de perda da competitividade de sua indústria de transformação no mercado interno. É preciso enfatizar que as trajetórias

estruturais e produtivas dos dois países são bastante distintas. Assim, ainda que eles possuam motivações políticas convergentes em relação à sua parceria estável e estratégica, a relação é assimétrica. Além disso, o direcionamento agroexportador brasileiro não garante um crescimento econômico sólido no longo prazo, uma vez que os produtos são suscetíveis a fatores conjunturais, especialmente referentes aos preços das *commodities* ou desacelerações no ritmo de crescimento da economia chinesa. A China, por sua vez, constrói relação mais diversificadas com o restante do mundo, ampliando também o seu parque industrial, e se consolidando como um fornecedor mundial competitivo dos produtos manufaturados (LIMA; VERÍSSIMO, 2022).

Diante dos fatos mencionados, também é importante citar, no contexto da guerra comercial entre Estados Unidos e China, que as relações comerciais entre Brasil e o país asiático continuam crescendo, com uma forte tendência de evolução para os próximos anos. No entanto, a imposição de uma escolha binária ao Brasil dentro do dilema estratégico de sua inserção internacional no cenário de crescente rivalidade entre Estados Unidos e China, não poderá se manter a longo prazo, a não ser às custas da fragmentação de interesses nacionais brasileiros (PENA et al., 2022).

Kalout e Costa (2022) apontam que a estratégia que melhor responde a esse dilema e defesa dos interesses nacionais brasileiros, é a busca por uma relação equilibrada e aprofundada com os Estados Unidos e a China, o que garantirá uma maior diversificação da inserção internacional do Brasil e retirará de cada parceiro o melhor que cada parceria pode trazer. Cabe destacar que essa relação não depende exclusivamente da vontade de uma ação unilateral do governo brasileiro, de modo que os governos de Washington e Pequim podem contribuir para que a estratégia prospere. Existe também um cenário onde a China tem valorizado mais o Brasil entre suas prioridades internacionais, ao passo que os Estados Unidos seguem atribuindo ao país, e à América do Sul de forma geral, uma baixa relevância estratégica.

Rasador et al. (2022) destacam que a Guerra Comercial entre Estados Unidos e China contribuíram para um ganho nas exportações brasileiras de 12% a 22%. Tais resultados se alinham à percepção de ganhos decorrentes de tarifas aplicadas pela China contra os Estados Unidos, o que corrobora para a ideia de um redirecionamento da demanda chinesa por bens primários estadunidenses para as exportações brasileiras. Por sua vez, no que concerne às exportações dos produtos sobretaxados pelos Estados Unidos, o autor sugere que a Guerra Comercial poderia acabar por incrementar o comércio bilateral com o Brasil, pois, na medida em que o país tarifa suas importações provenientes da China, haveria espaço para oportunidades

às importações com origem do Brasil. Contudo, essa possibilidade não se confirma, uma vez que o resultado estimado por Rasador et al. (2022) indica uma queda de 14,6% a 15,14% nos valores exportados do Brasil para os Estados Unidos durante os anos da Guerra Comercial (2018 e 2019).

No entanto, Kalout e Costa (2022) apontam que a expansão do comércio bilateral Brasil-Estados Unidos é um ponto vital para um país com as características do Brasil. O incremento dessa relação comercial depende de como os Estados Unidos podem eliminar gradualmente as barreiras comerciais aos produtos nacionais, sendo também importante que reconheçam o Brasil e as organizações regionais sul-americanas como interlocutores e espaços incontornáveis para o tratamento dos temas políticos e econômicos envolvendo os países da região.

Silva, Lunelli e Cleto (2020) ressaltam que o setor agrícola abre muitas portas para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, sendo de grande importância para a manutenção do relacionamento tanto com a China, quanto com os Estados Unidos. Por outro lado, a relação de submissão que a pauta exportadora brasileira encontra em relação às *commodities* mostra que há também maior exposição à eventuais consequências precedentes de uma instabilidade na economia chinesa e a outros riscos no comércio internacional. Economias agroexportadoras podem sofrer com má gestão e problemas de governança, especialmente em relação aos seus recursos naturais, o que as leva ao empobrecimento. Tendo em vista a exposição da relação de dependência comercial que o Brasil passou a ter com a China e as *commodities*, é necessário a análise dos dados referentes à pauta exportadora, com o objetivo de diversificar as exportações brasileiras, de forma a ampliar os mercados consumidores para diminuir sua dependência.

Diante do contexto das relações comerciais bilaterais entre Brasil e Estados Unidos ao longo da década de 2010, o espaço ocupado pelo país latino americano no mercado norte-americano não corresponde ao potencial do agronegócio brasileiro, tendo em vista sua dimensão e competitividade globais. Jank et al. (2020) indicam que a participação do Brasil nas importações dos Estados Unidos tem sido decrescente desde 2012, enquanto Canadá, México, Europa, América Latina e Ásia têm superado no aproveitamento das oportunidades. Entre as razões para essa diminuição, os autores destacam a falta de direcionamento das exportações para vários produtos agrícolas, o pequeno número de produtos com liberação de importações, e, principalmente, a falta de acordos preferenciais bilaterais com ações articuladas dos governos brasileiro e norte-americano no setor privado.

Para mudar esse cenário, é importante ampliar o número de produtos agrícolas a serem habilitados para exportação aos Estados Unidos, considerando que o país protege pontual e

seletivamente produtos de grande interesse do Brasil com subsídios, tarifas e cotas tarifárias (tais como açúcar, milho, soja, algodão e carne bovina). Há também a necessidade de maior organização das próprias cadeias produtivas brasileiras internamente com foco em exportação, e a diversificação da pauta de exportações. Desse modo, o Brasil deve buscar uma ampliação da gama de produtos potenciais, e a identificação da melhor estratégia a ser adotada para cada um (JANK et al., 2020).

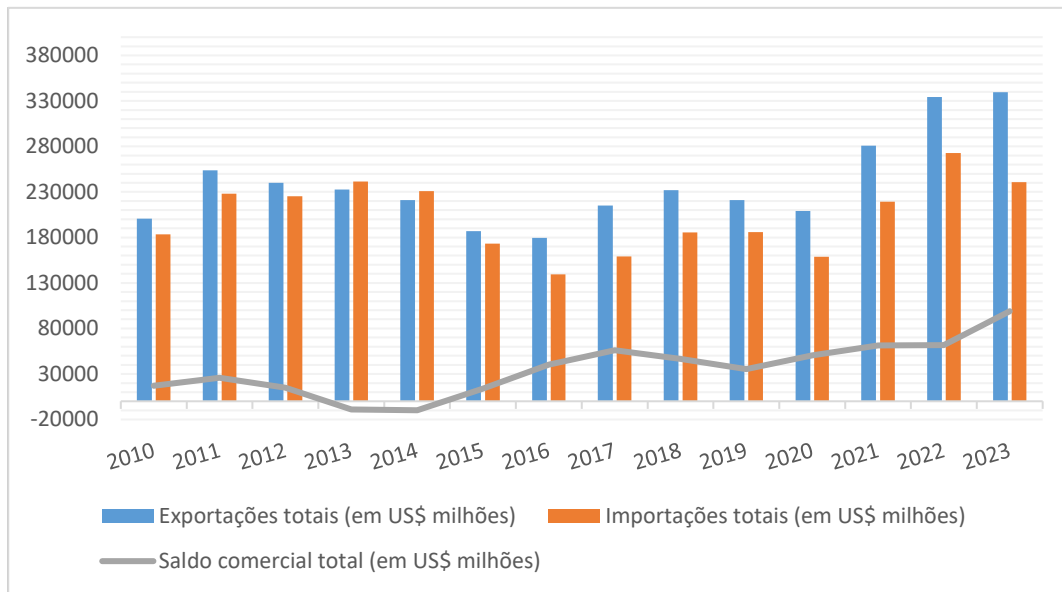
A próxima seção descreve a pauta de comércio bilateral entre Brasil e Estados Unidos no período 2010 a 2023 a fim de esclarecer as mudanças nas relações comerciais entre os dois parceiros e elucidar possíveis oportunidades de exploração desses mercados.

3. Descrição da Pauta de Comércio Bilateral Brasil-Estados Unidos no Período 2010-2023

A análise dos fluxos comerciais entre Brasil e Estados Unidos ao longo da década de 2010 permite entender a evolução e o momento atual das relações bilaterais, ou seja, a relevância dos Estados Unidos enquanto país de destino para as exportações brasileiras e origem de suas importações, assim como os padrões intrassetoriais deste comércio. Assim, o objetivo dessa seção é compreender a magnitude das mudanças tanto qualitativas quanto quantitativas dos fluxos comerciais entre os dois países pós-2010.

Os Gráficos 1 e 2 indicam, respectivamente, a magnitude do comércio internacional do Brasil e a influência dos Estados Unidos nos resultados comerciais brasileiros.

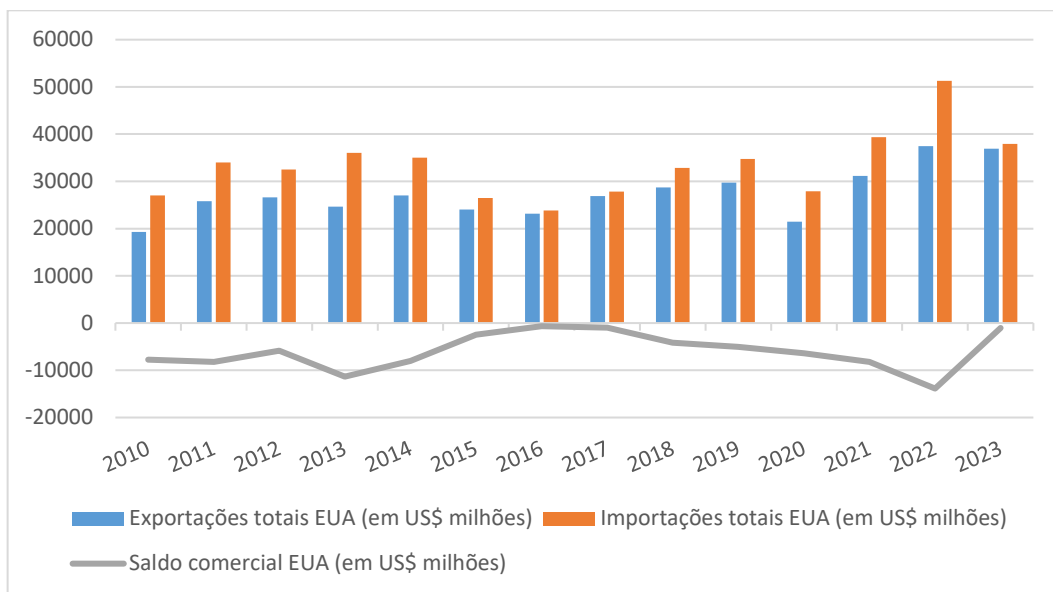
Gráfico 1: Comércio Internacional Total Brasileiro, 2010 a 2023 (em US\$ milhões)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

Os dados do Gráfico 1 demonstram um aumento expressivo no comércio internacional brasileiro entre 2010 e 2023. Destaca-se que, nos anos de 2013 e 2014, as exportações totais passaram por momentos de declínio relacionados à crise econômica de 2014, que gerou choques na oferta e demanda nacional, e à breve queda dos preços das *commodities*. Nestes anos, observa-se o déficit da balança comercial brasileira. A partir de 2017, verifica-se uma recuperação do saldo comercial, com a retomada altista nos preços das *commodities*. Esse processo seguiu no período entre 2018 e 2020, ano em que se observa uma queda tanto em importações totais quanto em exportações totais, em função da pandemia do Covid-19, que ocasionou impactos sobre a economia global devido à interrupção abrupta da circulação, produção e do comércio internacional. Contudo, houve uma rápida recuperação no saldo da balança comercial brasileira, atingindo seus patamares mais altos entre 2021 e 2023.

Gráfico 2: Exportações e importações totais entre Brasil-Estados Unidos, 2010 a 2023 (em US\$ milhões)

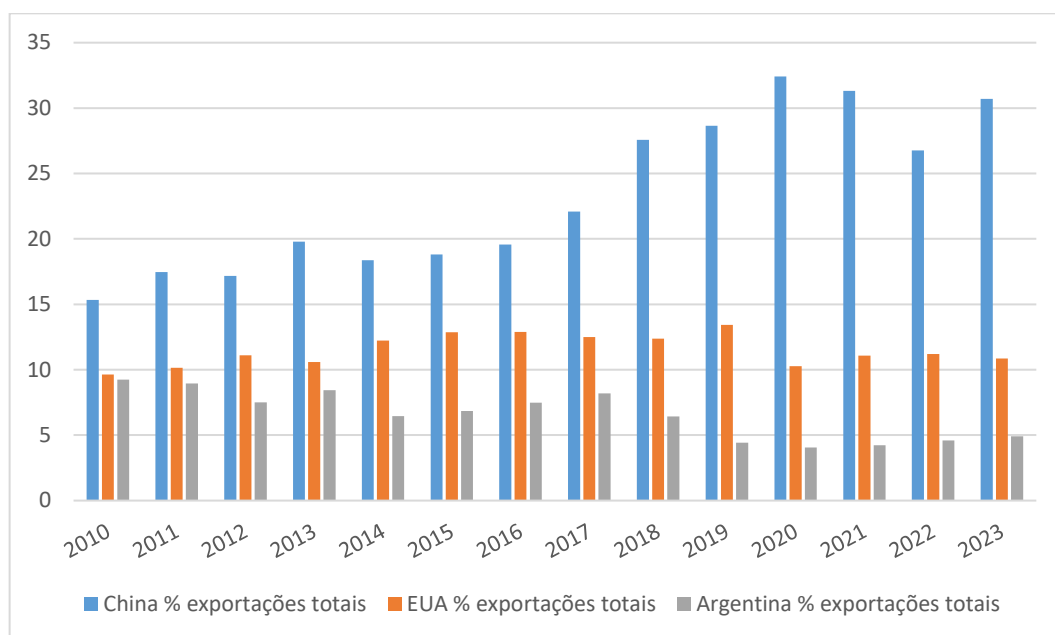


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

Na análise do comércio bilateral entre Brasil e Estados Unidos (Gráfico 2), observa-se uma realidade distinta do que indica o Gráfico 1. As transações comerciais entre os dois países são marcadas por déficits significativos pelo lado brasileiro, passando por momentos de retração e de intensificação ao longo do período, sobretudo no período entre 2010 e 2014, que foi acompanhado pela alta no preço das *commodities*, e no período pandêmico de 2021 a 2023. Contudo, cabe destacar que, apesar da queda do montante comercializado, o aumento nas exportações nos anos de 2022 e 2023, atingindo patamares de US\$ 37,4 bilhões e US\$ 36,9 bilhões, respectivamente, mostram que ainda há grande relevância do mercado dos Estados Unidos para o Brasil, o que reforça a importância da relação bilateral para a recuperação do saldo da balança comercial brasileira observada no período pós-Covid-19.

Para entender o peso das exportações brasileiras para os Estados Unidos, é importante também analisar o desempenho das exportações do Brasil para seus demais parceiros comerciais durante o período de 2010 a 2023, conforme ilustra o Gráfico 3.

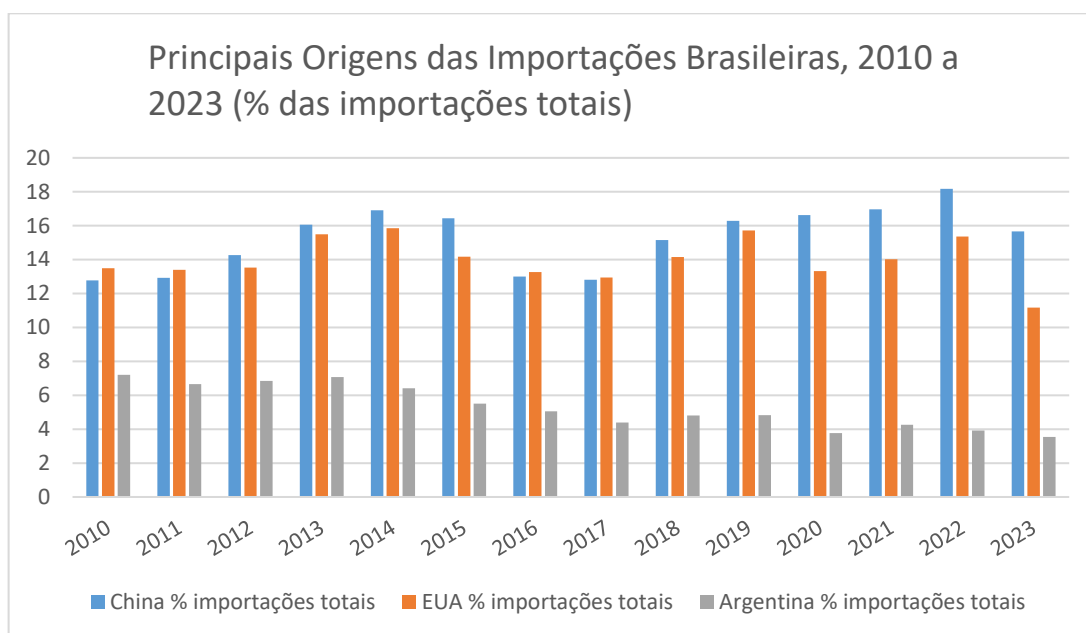
Gráfico 3: Principais Destinos das Exportações Brasileiras, 2010 a 2023 (% das exportações totais)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

Verifica-se que, em 2010, a China já figurava como o maior parceiro comercial brasileiro, com participação de 15,34% nas exportações totais, seguida pelos Estados Unidos (9,62%) e Argentina (9,23%). Ao analisar a série histórica, é possível perceber uma queda da importância do mercado norte-americano para o Brasil, uma vez que sua participação atinge o patamar mais alto em 2019, com 13,43% das exportações totais, caindo para 10,86% em 2023. A Argentina, por sua vez, passou por queda progressiva em sua importância para as exportações brasileiras, chegando a 4,19% em 2023. Historicamente os Estados Unidos e a Argentina constituíam compradores dos produtos manufaturados brasileiros, e, conforme a pauta brasileira se direcionava para a exportação dos *commodities*, tais países perderam espaço na parceria com o Brasil. Cabe pontuar que, no caso da China, houve um aumento de importância como destino das exportações brasileiras, alcançando o ápice em 2020, com 32,40% de participação. Sendo a China um grande demandante dos produtos primários, essa interação progrediu, e o Brasil passou a direcionar sua pauta exportadora para o país asiático. Neste sentido, houve o aprimoramento das relações de política externa e comerciais desenvolvidas entre os países, enquanto os acordos comerciais entre Brasil e Estados Unidos pouco avançaram ao longo do período, havendo menor priorização dessa relação de uma maneira geral.

Gráfico 4: Principais Origens das Importações Brasileiras, 2010 a 2023 (% das importações totais)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

Por outro lado, no Gráfico 4, que ilustra as principais origens das importações brasileiras no período, é possível notar um aumento mais modesto da participação chinesa nas importações brasileiras, atingindo seu maior nível em 2022, com participação de 18,17%. Também é perceptível uma queda das importações com origem nos Estados Unidos entre 2010 e 2023, mas menos significativa (variação negativa de 2,31 p.p.). Conforme exposto por Lima (2019), isso ocorreu devido à existência de produtos mais intensivos em tecnologia na composição das importações originárias dos Estados Unidos. Em linha, Lima e Veríssimo (2022) ressaltam que o forte desempenho econômico da China baseado na industrialização conduz a uma tendência de complementaridade com a pauta brasileira, onde o Brasil aparece como país destino de produtos manufaturados chineses. Dessa forma, é possível interpretar também que a maior importação de produtos manufaturados da China possa ter impactado as importações brasileiras oriundas dos Estados Unidos durante o período.

De acordo com Lima (2019), a partir do estudo do fluxo comercial bilateral entre Brasil e Estados Unidos no contexto das mudanças ocorridas na condução das políticas externas brasileiras a partir da década de 2000 orientadas pela transferência do dinamismo comercial e econômico dos países centrais para os em desenvolvimento, pode-se entender que o Brasil passou a adotar uma política externa mais pautada nos princípios de autonomia e universalismo, se voltando para a diversificação de suas relações comerciais e maior descentralização em

relação a parceiros consolidados, como Estados Unidos e União Europeia. Dessa forma, o Brasil acabou caminhando rumo a um distanciamento do comércio com os Estados Unidos. Soma-se a isso a reestruturação da pauta comercial, em que o processo de reprimarização da pauta brasileira não deve ser visto como algo isolado do ponto de vista bilateral, mas como uma mudança na estrutura da inserção brasileira no comércio mundial, que, como mencionado, se voltou em grande parte para o mercado chinês.

Kalout e Costa (2022) apontam que, desde 2009, a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil, desbancando 80 anos de liderança dos Estados Unidos. Ainda que a participação relativa chinesa nas importações e exportações brasileiras ganhe cada vez mais força, a dimensão econômica da relação bilateral com país norte americano segue forte, principalmente considerando o Brasil como país destino dos investimentos norte-americanos, que aparecem com uma importância estratégica diferente da apresentada na dimensão comercial. Sobre a questão comercial, a China foi, em 2021, a origem principal das importações brasileiras, e o principal destino das exportações, superando blocos regionais e regiões inteiras, como União Europeia, Mercosul, América do Sul, América do Norte, África, Oriente Médio e Oceania. Essa corrente de comércio também atingiu um novo recorde no comércio bilateral em 2021, atingindo US\$ 135,55 bilhões, sendo US\$ 87,90 bilhões de exportações e US\$ 47,65 bilhões de importações, reafirmando o ponto da dependência do Brasil em relação à China, que atualmente é significativamente superior à dependência em relação aos Estados Unidos.

Kalout e Costa (2022) também pontuam que a perda de importância dos Estados Unidos na pauta brasileira se relaciona ao fato de que empresas americanas são concorrentes das empresas brasileiras nas exportações de bens para os mercados europeu e asiático. Enquanto a corrente de comércio entre Brasil e China se mostrou superavitária para a economia brasileira, a balança comercial com os Estados Unidos foi deficitária. Ainda que exista uma dependência do Brasil para com os Estados Unidos, essa vem sendo revertida em favor da China, algo que depende também do ritmo de crescimento dos investimentos chineses no Brasil se manter nas próximas décadas.

De acordo com Jank *et al.* (2022), em relação ao agronegócio, o Brasil concentrou suas exportações para os Estados Unidos em um grupo restrito de produtos – florestais, café, complexo sucroalcooleiro, suco de laranja, carne bovina e fumo – que responderam por 76,6% do total exportado para o país em 2018, havendo uma baixa participação brasileira em produtos de maior crescimento no mercado norte-americano. É importante ressaltar que os Estados Unidos também figuram como concorrentes do Brasil em diversos mercados, especialmente os

de soja, milho, algodão e carnes. O país possui 14 acordos comerciais vigentes e concessões unilaterais para outros seis grupos de países, que reduzem de forma considerável as tarifas para os produtos do agronegócio importados, sendo os grupos: GSP (*Generalized System of Preferences*), CBI (*Caribbean Basin Initiative*), CBTPA (*Caribbean Basin Trade Partnership Act*) ATPA (*Andean Trade Preference Act*), AGOA (*Africa Growth and Opportunity Act*) e LDC (*Least Developed Countries*). As importações originárias do Brasil se beneficiam do fato de o país ser membro do grupo GSP, no entanto, o país faz uso de preferências no mercado norte-americano em uma proporção muito inferior ao que os Estados Unidos importam sob regime preferencial.

Jank *et al.* (2022) ainda ressaltam que o espaço ocupado pelo Brasil no mercado norte-americano não corresponde ao potencial de seu agronegócio, o que se deve tanto pela falta de direcionamento das exportações para vários produtos do agronegócio, quanto ao pequeno número de produtos com liberação de importações e a falta de acordos preferenciais bilaterais envolvendo uma ação articulada dos governos do Brasil e dos Estados Unidos e setor privado. Cabe destacar que os Estados Unidos protegem de maneira pontual e seletiva os produtos de maior interesse do Brasil com subsídios e cotas tarifárias. As preferências que o Brasil possui nesse mercado com relação às tarifas se concentram exclusivamente em produtos que fazem parte do SGP, não havendo uma articulação ou esforços maiores na criação de acordos preferenciais entre os dois países nas últimas décadas, o que mostra um distanciamento crescente das duas economias, ao passo em que a China ganha participação na pauta brasileira.

No caso da Argentina, a queda progressiva de participação nas importações e exportações brasileiras, decorre, segundo Barros *et al.* (2021), das mudanças na economia mundial e na estrutura produtiva de ambos os países, com diminuição do dinamismo industrial. Além disso, tanto o Mercosul, como Brasil e Argentina perderam a capacidade de construir agendas positivas, com um cenário marcado por estagnação econômica e desempenho fraco do setor industrial, o qual responde por mais de 80% do comércio bilateral.

Leite e Bezerra (2018) argumentam que o Mercosul encontra dificuldades em avançar rumo a uma maior integração comercial devido às instabilidades conjunturais que os países membros enfrentam no plano econômico, além da fragilidade institucional ocasionada pela dificuldade sofrida pelos projetos de construção de um ambiente econômico mais integrado que promova uma liberalização comercial recíproca. A Argentina, por sua vez, também passa a importar produtos manufaturados da China, em detrimento dos produtos brasileiros, pois além do país asiático oferecer produtos mais baratos e de maior valor agregado, também proporciona

investimento e financiamento para o país. Desse modo, a ascensão chinesa não influenciou apenas uma perda de relevância dos Estados Unidos e da Argentina no comércio internacional brasileiro, mas também influencia na perda de sofisticação das exportações, com participação cada vez menor dos produtos manufaturados, algo que também acontece no cenário argentino, alterando a inserção externa brasileira no comércio mundial.

Para confirmar que o direcionamento da pauta exportadora brasileira para *commodities* afetou diretamente as transações comerciais com os Estados Unidos, registra-se os dez principais produtos exportados e importados pelo Brasil em 2010 (Tabela 1), em 2023 (Tabela 2), conforme a classificação do Sistema Harmonizado (SH) 4 Dígitos, e a participação dos Estados Unidos nas vendas e compras desses produtos. Tais anos foram escolhidos com o objetivo de entender a alteração do padrão comercial brasileiro no período em direção aos produtos primários, as tabelas a seguir buscam entender os dez produtos totais importados e exportados pelo Brasil nos anos selecionados, e a participação dos Estados Unidos nessas trocas, isso possibilitará a compreensão do ganho ou a perda de relevância das trocas com o país ao longo do tempo.

Na Tabela 1, observa-se que os dez produtos mais exportados pelo Brasil em 2010 representavam 48,73% das vendas totais, sendo eles em sua maioria bens primários, como minérios de ferro e seus concentrados, óleos brutos de petróleo, açúcares, soja, café, entre outros. No entanto, também havia participação de produtos manufaturados, como automóveis e veículos aéreos. Tais produtos exportados representavam quase metade das vendas totais brasileiras, indicando uma baixa diversificação na pauta. Ao observar as vendas desses produtos para os Estados Unidos, muitos deles, apesar de possuírem um grande peso na pauta, não são produtos que tem o país norte-americano como destino, tais como a soja, as carnes frescas, refrigeradas ou congeladas das aves, as tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja, e os automóveis, o que confirma, já em 2010, uma perda da importância dos Estados Unidos como destino das exportações brasileiras.

Tabela 1: Dez Principais Produtos Exportados e Importados pelo Brasil em 2010 (em %)

Produtos Exportados	Vendas Totais	Vendas para os Estados Unidos
Minérios de ferro e seus concentrados	14,4	0,42
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	8,12	19,94
Açúcares de cana ou de beterraba e sacarose	6,36	1,05
Soja, mesmo triturada	5,5	0
Carnes e miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas das aves	2,96	0
Café, mesmo torrado ou descafeinado	2,59	5,55
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	2,35	0
Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução	2,21	4,25
Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis principalmente concebidos para o transporte de pessoas	2,2	0
Outros veículos aéreos; veículos espaciais e seus veículos de lançamento e veículos suborbitais	1,99	2,33
Market-share dos dez principais produtos exportados	48,73	33,57
Produtos Importados	Compras Totais	Compras dos Estados Unidos
Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos	6,07	9,26
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	5,50	0,74
Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis	4,65	0,47
Partes e acessórios dos veículos automóveis	2,85	1,49
Gás de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos	2,20	1,09
Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos	2,13	0,69
Aparelhos elétricos para telefonia ou telegrafia por fios	1,83	1,28
Medicamentos	1,71	2,10
Partes reconhecíveis como exclusiva ou principalmente destinadas aos aparelhos eletrônicos	1,64	0,19
Hulhas; briquetes, bolas e combustíveis sólidos semelhantes	1,59	4,25
Market-share dos dez principais produtos importados	30,24	21,61

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

Em relação aos dez produtos mais importados pelo Brasil em 2010, estes se mostram mais diversificados do que os da pauta exportadora, representando 30,24% das compras totais realizadas pelo país. A pauta importadora contou com produtos manufaturados relevantes, tais como os óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, automóveis, partes e acessórios dos veículos automóveis, circuitos integrados, aparelhos elétricos e medicamentos, reafirmando a condição do país como importador dos bens manufaturados. Os Estados Unidos foram o país de origem de 21,61% dos dez produtos mais relevantes na pauta importadora brasileira, sendo os produtos mais importados os óleos de petróleo e os óleos brutos de petróleo, com participação de 9,26% e 0,74% das compras totais brasileiras.

Tabela 2: Dez Principais Produtos Exportados e Importados pelo Brasil em 2023 (em %)

Produtos Exportados	Vendas Totais	Vendas para os Estados Unidos
Soja, mesmo triturada	15,67	0,56
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	12,54	12,68
Minérios de ferro e seus concentrados	9,00	1,04
Açúcares de cana ou de beterraba e sacarose	4,63	1,55
Milho	4,00	0
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	3,38	0
Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos	3,31	3,33
Carnes e miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas das aves	2,64	0
Carnes de animais da espécie bovina, congeladas	2,51	1,23
Café, mesmo torrado ou descafeinado	2,16	3,07
Market-share dos dez principais produtos exportados	59,88	23,49
Produtos Importados	Compras Totais	Compras dos Estados Unidos
Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos	7,19	12,64
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	3,76	4,21
Partes e acessórios dos veículos automóveis	2,99	1,48
Turboreactores, turbopropulsores e outras turbinas a gás	2,73	12,79
Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis	2,40	0,60
Sangue humano; sangue animal preparado para usos terapêuticos, profiláticos ou de diagnóstico	2,29	1,37
Adbos (fertilizantes) minerais ou químicos	2,11	0,02
Medicamentos	2,03	2,22
Insecticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas	2,01	2,85
Circuitos integrados e microconjuntos electrónicos	2,00	0,17
Market-share dos dez principais produtos importados	29,55	38,4

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

A Tabela 2 mostra a participação dos dez principais produtos exportados e importados pelo Brasil em 2023. É preciso mencionar que, em 2010, o Brasil contava com a presença de alguns produtos manufaturados (tais como automóveis e veículos aéreos) em sua pauta. Contudo, em 2023, verifica-se apenas a presença dos produtos primários, confirmando a forte reprimarização da pauta brasileira. Além disso, a pauta se mostra fortemente concentrada, com os dez principais produtos exportados representando 59,88% das vendas totais. Em relação aos Estados Unidos, ainda, pode-se perceber a não participação do país em diversos dos principais produtos exportados pelo Brasil, tais como milho, tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja e carnes das aves. As vendas para os Estados Unidos dos dez principais produtos

corresponderam a 23,49%, indicando a perda de relevância desse destino para as exportações brasileiras.

Em relação aos produtos mais importados, houve um ganho de importância dos Estados Unidos em relação à 2010, de 21,61% para 38,4% em 2023, ainda que eles continuem sendo, em sua maioria, de produtos manufaturados. Não ocorrem mudanças significativas em termos de diversificação dos produtos importados, mas, em 2023, produtos que anteriormente não apareciam na lista dos dez mais importados ganharam relevância, como óleos de petróleo, partes e acessórios dos veículos automóveis, automóveis e outros. Chama a atenção adubos e inseticidas serem principais produtos da pauta importadora brasileira, o que pode ser explicado pelo ganho de peso da produção de *commodities* ao longo do tempo, sendo aqueles produtos insumos para a produção agrícola.

Buscando entender melhor não apenas a participação dos Estados Unidos na pauta exportadora e importadora brasileira, mas também quais os produtos que mais comercializados entre o Brasil e o país, as Tabelas 3 e 4 mostram os dez principais produtos do comércio bilateral Brasil-Estados Unidos nos anos de 2010 e 2023, respectivamente.

Na Tabela 3, é possível perceber que os principais produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos são diferentes dos principais produtos que o país exporta no total. No *ranking* geral, em 2010, eram exportados predominantemente produtos primários, como os minérios de ferro, os óleos brutos de petróleo, os açúcares e a soja. Já entre os dez produtos mais exportados para os Estados Unidos, ainda que haja produtos em comum, tais como os óleos brutos e o café, aparecem também o ferro fundido bruto, as pedras de cantaria, pneumáticos novos, hidrocarbonetos cíclicos e os produtos semimanufaturados de ferro. Isso mostra que, em 2010, havia uma demanda maior dos Estados Unidos por produtos manufaturados brasileiros do que para bens primários, em que os dois países concorrem em vários mercados. Também é possível notar que os dez produtos mais exportados para os Estados Unidos representavam 18,58% das vendas totais do Brasil, mostrando que, ainda que estes possuam uma importância de 46,07% para as exportações com destino aos Estados Unidos, eles não possuíam grande peso para a pauta brasileira no comércio mundial em 2010.

Tabela 3: Dez Principais Produtos Exportados e Importados Brasil-Estados Unidos em 2010
(em % do total)

Produtos Exportados	Vendas totais	Vendas para os Estados Unidos
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	8,12	19,94
Café, mesmo torrado ou descafeinado	2,59	5,55
Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato	2,21	4,25
Ferro fundido bruto e ferro spiegel (especular), em lingotes, linguados ou outras formas primárias	0,48	3,19
Pedras de cantaria ou de construção (exceto de ardósia)	0,31	2,55
Partes reconhecíveis como exclusiva ou principalmente destinadas à motores	0,75	2,54
Outros veículos aéreos; veículos espaciais e seus veículos de lançamento e veículos suborbitais	1,99	2,33
Pneumáticos novos, de borracha	0,63	2,02
Hidrocarbonetos cíclicos	0,25	1,91
Produtos semimanufacturados de ferro ou aço não ligado	1,21	1,75
Market-share dos dez principais produtos exportados	18,58	46,07
Produtos Importados	Compras totais	Compras dos Estados Unidos
Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos	6,07	9,26
Turborreactores, turbopropulsores e outras turbinas a gás	0,96	5,46
Hulhas; briquetes, bolas e combustíveis sólidos semelhantes	1,59	4,25
Sangue humano; sangue animal preparado para usos terapêuticos, profiláticos ou de diagnóstico	1,41	2,22
Medicamentos	1,71	2,1
Outros veículos aéreos; veículos espaciais e seus veículos de lançamento e veículos suborbitais	0,58	2,09
Partes dos veículos e aparelhos aéreos	0,65	1,75
Instrumentos e aparelhos para medicina, cirurgia, odontologia e veterinária	0,61	1,68
Coque de petróleo, betume de petróleo e outros resíduos dos óleos de petróleo ou de minerais betuminosos	0,33	1,57
Polímeros de etileno, em formas primárias	0,54	1,54
Market-share dos dez principais produtos importados	14,51	31,97

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

Ainda, os principais produtos que o Brasil importa dos Estados Unidos divergem dos principais produtos importados no *ranking* geral brasileiro, com turborreactores, instrumentos e aparelhos para medicina e cirurgia, coque de petróleo e polímeros de etileno aparecendo entre os principais. Porém, estes representaram 14,51% das compras totais em 2010. Há também uma aparente diversificação das compras oriundas dos Estados Unidos, uma vez que estas corresponderam a 31,97% dos produtos que o Brasil adquiriu daquele país.

Tabela 4: Dez Principais Produtos Exportados e Importados Brasil-Estados Unidos em 2023
(em % do total)

Produtos Exportados	Vendas totais	Vendas para os Estados Unidos
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	12,54	12,68
Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado	1,53	10,32
Bulldozers, angledozers, niveladoras, raspo-transportadoras (scrapers), pás mecânicas, escavadoras, carregadoras e pás carregadoras, compactadores e rolos ou cilindros compressores, autopropulsores	1,02	4,6
Outros veículos aéreos; veículos espaciais e seus veículos de lançamento e veículos suborbitais	0,88	4,55
Ferro fundido bruto e ferro spiegel (especular), em lingotes, linguados ou outras formas primárias	0,53	3,69
Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos	3,31	3,33
Café, mesmo torrado ou descafeinado	2,16	3,07
Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato	2,11	2,96
Outras ligas de aço, em lingotes ou outras formas primárias; produtos semimanufaturados, de outras ligas de aço	0,31	2,76
Sumos de frutas (incluídos os mostos de uvas) ou de produtos hortícolas, não fermentados, sem adição de álcool	0,78	2,52
Market-share dos dez principais produtos exportados	25,2	50,51
Produtos Importados	Compras totais	Compras dos Estados Unidos
Turboreactores, turbopropulsores e outras turbinas a gás	2,73	12,79
Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos	7,19	12,64
Hulhas; briquetes, bolas e combustíveis sólidos semelhantes, obtidos a partir da hulha	1,67	4,41
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	3,76	4,21
Insecticidas, rodenticidas, fungicidas, herbicidas, inibidores de germinação e reguladores de crescimento para plantas	2,01	2,85
Polímeros de etileno, em formas primárias	0,7	2,78
Outros veículos aéreos	0,66	2,62
Medicamentos	2,03	2,22
Aubos (fertilizantes) minerais ou químicos	1,87	1,68
Hidróxido de sódio (soda cáustica); hidróxido de potássio (potassa cáustica); peróxidos de sódio ou de potássio	0,32	1,66
Market-share dos dez principais produtos importados	22,97	47,91

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

A Tabela 4 evidencia que, em 2023, as exportações brasileiras para os Estados Unidos aumentaram, passando a representar 25,2% das vendas totais do Brasil. No entanto, não houve grande diversificação desta pauta, pois os dez principais produtos continuaram representando quase metade das exportações para o país. É possível notar um ganho de importância dos produtos semimanufaturados de ferro, dos veículos aéreos, ligas de aço e sumos de frutas,

destacando o peso dos produtos manufaturados e semimanufaturados nas exportações para os Estados Unidos, o que se contrapõe à tendência de reprimarização brasileira.

Em relação aos produtos mais importados com origem nos Estados Unidos em 2023, também se observa uma convergência em relação às mudanças ocorridas na pauta importadora geral no período, em que os inseticidas e adubos passaram a figurar entre os produtos mais importados. Isso confirma não apenas um ganho de vantagens comparativas do Brasil para o agronegócio, como também o aumento da importância das importações oriundas dos Estados Unidos, cuja participação se ampliou de 31,97% para 47,91% das importações totais brasileiras nos dez principais produtos importados, também indicando uma perda significativa na diversificação dos produtos comprados daquele país, devido ao aumento do *market-share* destes produtos.

Dessa forma, compreende-se que, no período analisado, houve uma concentração da pauta brasileira de maneira geral, havendo também mudanças representativas em relação aos produtos importados, contando com diversos insumos agrícolas tanto na perspectiva geral, quanto das importações oriundas dos Estados Unidos. No caso das exportações, os produtos primários predominaram, muito em razão da demanda chinesa, fazendo com que o país se direcione cada vez mais para o setor agrícola e mineral.

Dado que os Estados Unidos são um país demandante dos produtos semimanufaturados e manufaturados brasileiros, e um concorrente no que diz respeito aos bens primários, verifica-se uma participação cada vez mais modesta do país como destino das exportações brasileiras, havendo um distanciamento cada vez maior conforme o Brasil se volta para o agronegócio e eleva a participação das *commodities* nas exportações. Com isso, a sinergia com a China é crescente, ao passo em que, ainda que haja estabilidade e importância relativa do comércio com os Estados Unidos, esse relacionamento se torna cada vez menos estratégico para o Brasil.

4. Descrição da Pauta de Comércio Bilateral Brasil-Estados por Setores e Intensidade Tecnológica

A análise do comércio bilateral setorial e por intensidade tecnológica permite uma maior compreensão da importância dos esforços inovativos e como eles impactam as relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, possibilitando identificar padrões, oportunidades e desafios de inserção brasileira em um contexto de competitividade global.

A avaliação do comércio bilateral por intensidade tecnológica é realizada utilizando a ISIC Divisão, a partir da qual é possível avaliar o comércio intrassetorial. Essa é uma classificação internacional normalizada de todas as atividades econômicas, consistindo em uma estrutura de classificação de atividades econômicas que se baseia em conceitos, definições, princípios e regras de classificação acordados entre os países membros da ONU, servindo como instrumento de harmonização na coleta, produção e disseminação de dados econômicos em nível internacional.

Tabela 5: Comércio Setorial Brasil-Estados Unidos em 2010 (em US\$ milhões)

Descrição ISIC Divisão	Exportações	Importações	Saldo
Produção vegetal, animal e caça	1.393,23	194,32	1.198,92
Silvicultura e exploração madeireira	1,82	2,23	-0,41
Pesca e Aquicultura	12,10	0,17	11,93
Mineração de carvão e lignito	0,00	1.150,96	-1.150,96
Extração de petróleo bruto e gás natural	3.849,58	230,03	3.619,56
Extração de minerais metálicos	226,66	13,12	213,54
Extração de outros minerais	76,05	28,96	47,09
Fabricação de produtos alimentícios	1.104,43	266,27	838,16
Fabricação de bebidas	9,59	4,62	4,97
Fabricação de produtos de tabaco	228,51	0,56	227,95
Fabricação de têxteis	209,37	128,18	81,19
Fabricação de vestuário	20,31	10,39	9,91
Fabricação de couro e produtos afins	592,84	6,44	586,40
Fabricação de madeira e de prods de madeira e cortiça, exc. móveis; fabricação de artigos de palha e cestaria	575,57	5,75	569,82
Fabricação de papel e produtos de papel	1.051,40	352,50	698,91
Impressão e reprodução de mídia gravada	0,63	0,23	0,39
Fabricação de coque e produtos petrolíferos refinados	259,64	3.226,67	-2.967,03
Fabricação de produtos químicos	1.593,94	6.231,98	-4.638,04
Fabricação de produtos farmacêuticos básicos e preparações farmacêuticas	157,40	1.248,89	-1.091,49
Fabricação de produtos de borracha e plásticos	550,23	717,49	-167,26
Fabricação de outros produtos minerais não metálicos	664,01	201,23	462,79
Fabricação de metais básicos	2.227,59	524,29	1.703,30
Fabricação de produtos metálicos fabricados, exceto máquinas e equipamentos	425,32	628,17	-202,85
Fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos	255,12	2.392,77	-2.137,64
Fabricação de equipamentos elétricos	496,53	941,58	-445,05
Fabricação de máquinas e equipamentos n.c	1.298,27	4.151,02	-2.852,76
Fabricação de veículos automóveis, reboques e semi-reboques	869,45	811,13	58,32
Fabricação de outros equipamentos de transporte	786,55	2.768,15	-1.981,60
Fabricação de móveis	85,22	48,41	36,81
Outras manufaturas	149,79	664,98	-515,19

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

A Tabela 5 apresenta o saldo do comércio setorial entre Brasil e Estados Unidos em 2010. Naquele ano, os setores com maior superávit eram extração de petróleo bruto e gás natural; produção vegetal, animal e caça; fabricação de metais básicos e fabricação de produtos alimentícios, reafirmando a importância dos produtos primários e de média-baixa tecnologia para o equilíbrio da balança comercial com os Estados Unidos. Por outro lado, os setores com maiores déficits consistiam em fabricação de produtos químicos; fabricação de coque e produtos petrolíferos refinados; fabricação de máquinas e equipamentos; e fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos. Portanto, observa-se a predominância dos produtos de maior intensidade tecnológica que entram como setores deficitários na pauta do comércio bilateral Brasil-Estados Unidos em 2010.

Quando se analisa os dados referentes a 2023, presentes na Tabela 6, é possível constatar que as atividades de destaque em termos de saldos superavitários para o Brasil em 2010 mantiveram sua relevância, como a fabricação de metais básicos, que apresentou um aumento expressivo, passando de um saldo de US\$ 1.703,30 milhões em 2010 para US\$ 7.588,85 milhões em 2023. Outras atividades ganharam relevância, como a fabricação de produtos alimentícios; e a produção vegetal, animal e caça. No entanto, atividades como a extração de petróleo bruto e gás natural apresentaram uma queda no saldo, ainda que o superávit se mantivesse.

Quanto às principais atividades que se mostraram deficitárias, destacam-se fabricação de produtos químicos, cujo déficit de US\$ 4.638,04 milhões em 2010 aumentou para US\$ 6.046,18 milhões em 2023; seguida pela fabricação de coque e produtos petrolíferos; fabricação de outros equipamentos de transporte (que conta com a construção de embarcações, veículos ferroviários, aeronaves e outros). Cabe ressaltar o setor de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos, que teve uma redução no déficit de US\$ 2.137,64 milhões em 2010 para US\$ 1.800,15 milhões em 2023. É interessante notar que os mesmos setores de destaque no saldo total em 2010 permaneceram em 2023, mostrando que não houve mudanças significativas nas características do comércio setorial entre os anos analisados. Além disso, o número de atividades deficitárias se manteve o mesmo (doze), o que ilustra a ausência de progresso para o Brasil ao longo destes anos em relação ao seu comércio bilateral com os Estados Unidos.

Tabela 6: Comércio Setorial Brasil-Estados Unidos em 2023 (em US\$ milhões)

Descrição ISIC Divisão	Exportações	Importações	Saldo
Produção vegetal, animal e caça	1.622,97	98,18	1.524,79
Silvicultura e exploração madeireira	4,78	0,28	4,50
Pesca e Aquicultura	57,95	0,07	57,88
Mineração de carvão e lignito	0,00	1.678,11	-1.678,11
Extração de petróleo bruto e gás natural	4.684,87	1.832,33	2.852,54
Extração de minerais metálicos	390,16	44,27	345,89
Extração de outros minerais	66,20	36,64	29,56
Fabricação de produtos alimentícios	3.646,20	344,09	3.302,11
Fabricação de bebidas	22,03	47,82	-25,80
Fabricação de produtos de tabaco	171,86	0,25	171,61
Fabricação de têxteis	44,74	85,66	-40,91
Fabricação de vestuário	28,61	6,23	22,38
Fabricação de couro e produtos afins	436,26	16,80	419,47
Fabricação de madeira e de prods de madeira e cortiça, exc. móveis; fabricação de artigos de palha e cestaria	1.445,51	19,49	1.426,02
Fabricação de papel e produtos de papel	1.433,77	144,95	1.288,82
Impressão e reprodução de mídia gravada	0,21	0,03	0,18
Fabricação de coque e produtos petrolíferos refinados	1.324,24	5.821,26	-4.497,02
Fabricação de produtos químicos	2.175,19	8.221,37	-6.046,18
Fabricação de produtos farmacêuticos básicos e preparações farmacêuticas	156,57	1.648,74	-1.492,17
Fabricação de produtos de borracha e plásticos	525,85	841,21	-315,35
Fabricação de outros produtos minerais não metálicos	887,66	184,88	702,79
Fabricação de metais básicos	8.168,31	579,46	7.588,85
Fabricação de produtos metálicos fabricados, exceto máquinas e equipamentos	711,65	629,72	81,93
Fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos	412,41	2.212,56	-1.800,15
Fabricação de equipamentos elétricos	1.058,78	1.035,08	23,70
Fabricação de máquinas e equipamentos n.c	3.430,83	4.145,38	-714,55
Fabricação de veículos automóveis, reboques e semi-reboques	883,48	1.244,98	-361,50
Fabricação de outros equipamentos de transporte	2.348,89	6.343,63	-3.994,74
Fabricação de móveis	255,29	28,57	226,71
Outras manufaturas	297,39	598,92	-301,53

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

A Tabela 7 resume os saldos do comércio bilateral agregados por intensidade tecnológica, dispostos em produtos primários, baixa tecnologia, média-baixa tecnologia, média-alta tecnologia e alta tecnologia.

Tabela 7: Resumo dos saldos comerciais por intensidade tecnológica (em US\$ milhões)

Descrição ISIC Divisão	2010	2023
Produção vegetal, animal e caça	1.198,92	1.524,79
Silvicultura e exploração madeireira	-0,41	4,50
Pesca e Aquicultura	11,93	57,88
Mineração de carvão e lignito	-1.150,96	-1.678,11
Extração de petróleo bruto e gás natural	3.619,56	2.852,54
Extração de minerais metálicos	213,54	345,89
Extração de outros minerais	47,09	29,56
Produtos primários	3.939,65	3.137,05
Fabricação de produtos alimentícios	838,16	3.302,11
Fabricação de bebidas	4,97	-25,80
Fabricação de produtos de tabaco	227,95	171,61
Fabricação de têxteis	81,19	-40,91
Fabricação de vestuário	9,91	22,38
Fabricação de couro e produtos afins	586,40	419,47
Fabricação de madeira e de prods de madeira e cortiça, exc. móveis; fabricação de artigos de palha e cestaria	569,82	1.426,02
Fabricação de papel e produtos de papel	698,91	1.288,82
Impressão e reprodução de mídia gravada	0,39	0,18
Fabricação de móveis	36,81	226,71
Outras manufaturas	-515,19	-301,53
Baixa tecnologia	2.539,32	6.489,06
Fabricação de coque e produtos petrolíferos refinados	-2.967,03	-4.497,02
Fabricação de produtos de borracha e plásticos	-167,26	-315,35
Fabricação de outros produtos minerais não metálicos	462,79	702,79
Fabricação de metais básicos	1.703,30	7.588,85
Fabricação de produtos metálicos fabricados, exceto máquinas e equipamentos	-202,85	81,93
Média-baixa tecnologia	-1.171,05	3.561,20
Fabricação de produtos químicos	-4.638,04	-6.046,18
Fabricação de equipamentos elétricos	-445,05	23,70
Fabricação de máquinas e equipamentos n.c	-2.852,76	-714,55
Fabricação de veículos automóveis, reboques e semi-reboques	58,32	-361,50
Fabricação de outros equipamentos de transporte	-1.981,60	-3.994,74
Média-alta tecnologia	-9.859,11	-11.093,26
Fabricação de produtos farmacêuticos básicos e preparações farmacêuticas	-1.091,49	-1.492,17
Fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos	-2.137,64	-1.800,15
Alta tecnologia	-3.229,13	-3.292,32

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SECEX-MDIC (2024).

Os dados da Tabela 7 revelam que o comércio brasileiro com os Estados Unidos apresenta superávits em produtos primários e em produtos de baixa tecnologia em ambos os anos estudados. Contudo, cabem algumas ressalvas: em produtos primários, houve uma redução

de 20,37% no saldo entre 2010 e 2023, puxados pela extração de carvão e lignitos; ao passo que se observa um aumento expressivo no comércio de produtos de baixa tecnologia, de 155,54% de 2010 a 2023, mostrando um grande avanço nessas atividades, especialmente na fabricação de produtos alimentícios, produtos de madeira e papel. As atividades de média-baixa tecnologia também apresentaram mudanças importantes, pois o saldo deficitário de US\$ 1.171,05 milhões em 2010 passou para um saldo superavitário de US\$ 3.561,20 milhões, um aumento de 404,10%. Nesse caso, o setor líder foi a fabricação de metais básicos.

No entanto, o Brasil apresenta déficits históricos nos saldos das atividades de média-alta e alta tecnologia em relação aos Estados Unidos. Nos setores de média-alta intensidade tecnológica, o déficit teve um aumento significativo, de 12,51% entre 2010 e 2023, sugerindo um aumento expressivo na demanda desses produtos pelo Brasil. Cabe mencionar que nesse setor encontram-se as atividades de fabricação de produtos químicos e outros equipamentos de transporte. Além desses, a fabricação de veículos automóveis, reboques e semi-reboques, superavitário em 2010, se mostrou deficitário em 2023. No caso das atividades de alta tecnologia, o saldo permanece praticamente inalterado, o déficit era de US\$ 3.229,13 milhões em 2010 e de US\$ 3292,32 milhões em 2023, um aumento de 1,95%.

Portanto, os dados do comércio setorial bilateral entre o Brasil e os Estados evidenciam a característica de especialização da estrutura produtiva e exportadora brasileira baseada em produtos de baixo valor agregado (primários, baixa e média-baixa tecnologia), ao passo que reforça a fragilidade da indústria de transformação nos setores de média-alta e alta intensidade tecnológica, que são as atividades mais intensivas em escala, aprendizado e inovação, e que tendem a exercer maiores efeitos multiplicadores sobre o produto, o emprego e renda na economia.

5. Considerações finais

Este artigo buscou discutir as interações comerciais bilaterais entre Brasil e Estados Unidos, país que constitui a maior economia do mundo e também um parceiro comercial histórico do país sul-americano. Destaca-se que a relação bilateral veio perdendo relevância ao longo das últimas décadas, ao passo em que a China, grande demandante dos produtos primários brasileiros, começou a apresentar um crescimento expressivo, passando a ocupar o posto de principal parceiro comercial brasileiro, enquanto os Estados Unidos, ao se posicionarem como

um exportador de bens manufaturados, mas também possuem fortes vantagens comparativas na produção de bens primários, passam a concorrer com o Brasil em diversos mercados.

A hipótese levantada inicialmente é a de que a política de proteção comercial dos Estados Unidos, somada ao aumento da participação da China na “corrente de comércio” do Brasil seriam fatores relevantes para a explicação das variações nos fluxos comerciais entre os dois países analisados, além de pressupor que a reprimarização da estrutura produtiva-exportadora brasileira no período seria um fator relevante para a perda de importância relativa do comércio com os Estados Unidos, desse modo, temos a confirmação da hipótese, uma vez que passamos a direcionar um maior volume de produtos primários para a China em detrimento dos bens manufaturados para os Estados Unidos.

Diante das análises realizadas sobre as relações comerciais do Brasil com os Estados Unidos, e também o impacto da China ao longo do período de 2010 a 2023, é possível concluir que a dinâmica do comércio com estes países exerce um papel crucial na determinação dos rumos da economia brasileira, destacando a importância de uma estratégia de diversificação das exportações, tendo em mente a alta dependência do setor agrícola e a vigência do processo de desindustrialização pelo qual a economia brasileira tem passado. Considerando a relevância dos Estados Unidos como um demandante dos produtos manufaturados brasileiros, e não apenas de produtos primários, essa troca se mostra estratégica para a reversão do cenário de reprimarização comercial do Brasil, sendo necessária a superação de entraves, como a própria ausência de políticas de comércio bilateral entre os países e a não-priorização do comércio com países sul-americanos pelos Estados Unidos. Portanto, a evolução dessa parceria depende, dentre outras questões, de como os Estados Unidos podem eliminar as barreiras comerciais para os produtos nacionais.

Nesse cenário, a Guerra Comercial entre Estados Unidos e China pode evidenciar tanto oportunidades quanto desafios para o Brasil em se inserir em espaços até então ocupados pela economia chinesa no comércio norte-americano. Além disso, a excessiva dependência das exportações de *commodities* deixa o Brasil exposto a riscos decorrentes da volatilidade dos mercados internacionais e das próprias variações na demanda chinesa, o que compromete o potencial de crescimento econômico e da geração de emprego.

Entretanto, a análise mostrou que, entre 2010 e 2023, houve aumento da concentração da pauta brasileira de uma maneira geral em bens primários, com uma participação cada vez mais modesta dos Estados Unidos como país destino das exportações brasileiras. Em termos de intensidade tecnológica, também não houve progresso para o Brasil no comércio bilateral nos

anos analisados, contando apenas com um aumento do saldo em produtos e setores específicos, o que, por sua vez, mostra que ainda existem oportunidades a serem exploradas pelo país desde que haja a implementação de políticas de recuperação do parque industrial e tecnológico nacional, que permitam o avanço dos produtos de maior intensidade tecnológica na pauta de exportações.

É fundamental que o Brasil busque ampliar sua presença em diferentes mercados, fortalecendo suas parcerias comerciais e sua pauta exportadora, visando garantir uma maior estabilidade e crescimento econômico no longo prazo.

6. Referências

BARROS, Pedro Silva; RIBEIRO, Fernando J. PINELI, André; SEVERO, Luciano Wexell. CARMO, Corival Alves do; GONÇALVES, Juliana de Souza Borba; CARNEIRO, Helitton Christoffer. **Integração Econômica Bilateral Argentina-Brasil: reconstruindo pontes.**

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 1. ed., 2021. Disponível em:

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10899/1/NT_Integracao_Economica_Publicacao_Preliminar.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

JANK, M. S.; GILIO, L.; COSTA, C. C.; GUIMARÃES, M. O agronegócio nas relações comerciais Brasil-Estados Unidos. **Revista de Política Agrícola**, EMBRAPA. v. 29, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/1537/pdf>> Acesso em: 27 jan. 2024.

KALOUT, Hussein; COSTA, Hugo Bras Martins. A rivalidade China-EUA e os interesses estratégicos do Brasil. **CEBRI-Revista**, ano 1, n. 2, p. 70-89, abr./jun. 2022. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/32/a-rivalidade-china-eua-e-os-interesses-estrategicos-do-brasil>> Acesso em: 27 jan. 2024.

LEITE, A. C. C.; BEZERRA, V. A. O MERCOSUL como meio para a inserção internacional do Brasil a partir da relação bilateral com a Argentina (2011–2014). **Contextualizaciones Latinoamericanas**, ano 10, n. 18, enero-junio, 2018. Disponível em: <http://contexlatin.cucsh.udg.mx/index.php/CL/issue/view/707>. Acesso em 20 fev. 2024.

LIMA, Uallace Moreira. As relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos no período 2000-2014. **Texto para Discussão 2491**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, p. 1-56, jul. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2491.pdf> Acesso em: 27 Jan. 2024.

LIMA, Maria Luíza Caputo; VERÍSSIMO, Michele Polline. Relações comerciais e políticas entre Brasil e China no século XXI e os efeitos da pandemia do covid-19. 2021. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33289>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MOREIRA, Tânia; PAULA, Nilson de. Evolução do comércio intraindustrial entre Brasil e Estados Unidos no período 1997-2008. **Revista de Economia**, Editora UFPR, v. 36, p. 95-109, set./dez. 2010.

OLIVEIRA, Samuel Santos de. **Brasil e Estados Unidos nas cadeias globais de valor: uma análise comparativa e do comércio bilateral no período 2005-2016**. 2020. 116 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

PEDROZO, Gustavo Erler; SILVA, Mauri da. Mudança tecnológica: análise da estratégia de inserção no comércio internacional de Brasil e China num contexto de globalização. **RETEC**, Ourinhos, v. 9, n. 2, p. 80-100, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://www.fatecourinhos.edu.br/retec/index.php/retec/article/view/264>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PENA, H. W. A.; CORDEIRO, V. L.; LISBOA, E. G.; CHAVES, M. S. Comércio exterior Brasil e China: do contexto histórico do relacionamento bilateral às tendências pós-pandemia da COVID-19. **CIS - Conjecturas Inter Studies**, v. 22, n. 17, p. 971–991, 2022. DOI: 10.53660/CONJ-1870-2W75. Disponível em: <<https://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1870>> Acesso em: 27 jan. 2024.

RASADOR, Guilherme Schneider; FRANKE, Luciane; SINDELAR, Wiebusch Cristina Fernanda. A guerra comercial entre Estados Unidos e China: uma avaliação empírica sobre os impactos nas exportações do Brasil. *In: ENCONTRO DE ECONOMIA DA REGIÃO SUL*, 25., 2022. Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre. Associação Nacional da Pós-Graduação em Economia. 2022. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgeei/artigo-a-guerra-comercial-entre-estados-unidos-e-china-uma-avaliacao-empirica-sobre-os-impactos-nas-exportacoes-do-brasil/>> Acesso em: 27 jan. 2024.

SECEX-MDIC - Secretaria do Comércio Exterior. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Estatísticas do Comércio Exterior**. Brasília. 2024. Disponível em: comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 05 mar. 2024.

SILVA, B. L. R.; LUNELLI, F.; CLETO, C. I. As exportações brasileiras e a dependência das commodities. **Caderno PAIC**, v. 21, n. 1, p. 169–188, 2020. Disponível em: <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/400>. Acesso em: 27 jan. 2024.